

ESCOLA RAUL BRASIL, SUZANO: UM MÊS DEPOIS



Suzano, 10 de abril de 2019.

Passando pelo pátio, uma mocinha vem me abraçar. Não me conhece. Estende os braços para mim. Quer meu abraço ou quer me abraçar? Sou adulta, psicóloga, de São Paulo. Ela é quase uma menina, aluna dessa escola. Eu a abraço. Quando nos separamos, vem-me um nó na garganta. Contenho o choro. Percebo que fui abraçada. Ela cuidou de mim. Quisera poder desabar em seus braços. Penso: eu só vim hoje. Ela vem todos os dias.

No fundo da classe, observo a psicóloga a conversar com todos sobre como passaram e passam pela tragédia de que são sobreviventes. Ela é direta e tem uma firmeza quente: rocha amorosa. Apoiam-se nela e uns nos outros. A emoção emerge. Revivem a tragédia, visitam seus mortos, seus medos, sua falta de sono. Entrei resfriada, saio gripada. Eu só vim hoje. Eles vêm todos os dias.

No CAPS, lugar de atendimentos de Saúde Mental quase em frente, sentamo-nos para esperar o motorista que nos levará de volta. Um profissional nos faz sala. Uma pergunta simples como “Posso filar um cafezinho?”, e a emoção dele emerge. Revive a tragédia, o peso de ouvir os que visitam seus mortos, seus medos, sua falta de sono. Estou exausta física e emocionalmente. Eu só vim hoje. Ele vem todos os dias.

A vice-diretora, a diretora, o vice-diretor sentam-se grudadinhos na reunião com superiores hierárquicos e equipes de apoio externas. Davam-se as mãos? Provavelmente não, mas assim é a imagem que guardo. Falam de estarem na vitrine de um acontecimento de um tamanho que não cabe nas pessoas, não tem extensão estimável no espaço ou no tempo ou nas almas ou na história da Educação. Quem está preparado para ocupar esses lugares? Você está? Eu não. Eu não estava preparada para hoje. Eles vêm todos os dias.

Na conversa da psicóloga com a classe, todos são convidados a falar. A professora também. Foi professora de todos os meninos mortos, inclusive daquele que, antes de morrer, matou. Revive a tragédia. Fala da sensação de sua força liquefazer-se e escorrer-lhe pelas pernas. De pensar em seu filho de quatro anos, de pensar em seus alunos e sentir o líquido voltar, quente. Com ele, o raciocínio e o movimento. Sinto-me uma ameoba, uma gosma aplastada no chão. Eu só vim hoje. Ela vem todos os dias.

Lições de humildade.

Um acontecimento como esse da cidade de Suzano será sempre maior do que quaisquer explicações que se queira dar. Subterrâneos em que o ódio e a idolatria às armas fermentam, pais que abandonam mães na criação dos filhos, incels, dark net, vazios existenciais da juventude... É um caldo explosivo com tantos ingredientes! Sua complexidade e magnitude escapará sempre de tudo o que se disser a respeito, nem a arte dará conta. Mesmo assim, lança-nos à busca de sentidos e à ação.

Nesse turbilhão, emerge um ingrediente em comum com praticamente todos os massacres escolares conhecidos, no Brasil e nos Estados Unidos: o protagonista era ex-aluno da escola e lá sofrera humilhações e exclusões. Múltiplas matérias jornalísticas mostram a invisibilidade de seu imenso sofrimento, na comunidade escolar.

Existem escolas que rompem com as práticas comuns e fazem da expressividade, da voz ativa dos estudantes e do cultivo cotidiano da vida comunitária, pilares educativos tão importantes quanto a viagem dos conhecimentos. Educação integral para valer. Que um dia possam acolher todos os Guilhermes¹.

¹ Guilherme chamava-se o aluno que tirou vidas da Escola Raul Brasil, no trágico 13 de março de 2019. Entre elas, sua própria.